

## DRUMMOND E O SENTIMENTO DO MUNDO OPERÁRIO: DIÁLOGOS ENTRE A “CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO” E “O OPERÁRIO NO MAR”

Fernando Serafim dos Anjos (UFSCar)

**Resumo:** A vasta obra do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade é perpassada por diferentes temáticas, as quais dialogam diretamente com a vida do autor, externando suas ideologias, desejos e frustrações. Em 1940 foi publicada a coletânea poética intitulada *Sentimento do mundo*, na qual Drummond reúne 28 poemas. Entre as ideias presentes na obra é possível salientar o destaque dado à figura do trabalhador comum, operário, em suas aspirações e percepções do mundo à sua volta. De maneira perspicaz, Drummond nos apresenta, nos poemas “Confidência do itabirano” e “O operário no mar”, uma impressão do mundo assinalada por um olhar repleto da tentativa de se criar, por parte do eu lírico, empatia com a realidade do operário. O presente artigo pretende evidenciar como os referidos poemas apresentam semelhanças quanto à observação da vida operária, em relação às quais é possível estabelecer alguns paralelos, demonstrando que “Confidência do itabirano” pode ser lido como uma espécie de prelúdio de “O operário no mar” e o quanto a realidade do trabalhador comum era, de fato, uma questão significativa para o poeta.

**Palavras-chave:** Literatura; Drummond; operário.

**Abstract:** The vast literary work of the Brazilian poet Carlos Drummond de Andrade is permeated by different themes, which dialogue directly with the life of the author, expressing his ideologies, desires and frustrations. In 1940 the poetic collection titled *Sentimento do mundo* was published, in which Drummond gathers 28 poems. Among the ideas present in the work it's possible to highlight the emphasis given to the figure of the ordinary worker, from factories, in his aspirations and perceptions of the world around him. In a perspicacious way, Drummond presents to us, in the poems "Confidência do Itabirano" and "O operário no mar", an impression of the world marked by a look full of the attempt to create, on the part of the poetic voice, empathy with the reality of the worker. The present article intends to show how these poems have similarities regarding the observation of the working life, in relation to which it is possible to establish some parallels, demonstrating that "Confidência do itabirano" can be read as a kind of a prelude of "O operário no mar" and how the life of the ordinary worker was, in fact, a significant issue for the poet.

**Keywords:** Literature; Drummond; worker.

### Introdução

*Sentimento do mundo*, obra escrita por Carlos Drummond de Andrade, é uma coletânea poética marcada pela presença de um olhar cuidadoso e, concomitantemente, sagaz por parte do autor acerca do contexto sócio-político à sua volta. Tendo escrito os 28 poemas entre 1935 e 1940, sendo esta a data de

publicação, faz-se bastante clara a percepção das relações que o autor travava com a realidade atrelada a um mundo marcado por eventos de grande e preocupante magnitude à época, tais como a ascensão do nazi-fascismo, o Estado Novo e até mesmo os reflexos da crise econômica de 1929, que ainda perduravam.

A coletânea traz à tona um momento de perceptível amadurecimento na escrita do poeta, se comparada às suas obras antecessoras (*Alguma poesia* e *Brejo das almas*). Tal amadurecimento não se refere a questões de ordem técnica ou estética, mas sim à maneira como o autor decide trazer para o seu universo literário problemáticas de grandeza universal, dilemas, angústias e desejos humanos em sua mais contundente essência. A crítica severa, a análise irônica e a leveza melancólica tornam os poemas de *Sentimento do mundo* uma espécie de mosaico de um tempo tortuoso observado pelos olhos do poeta mineiro. Antonio Candido, em seu ensaio “Inquietudes na poesia de Drummond”, publicado em *Vários escritos*, afirma que, em *Sentimento do mundo*, “A poesia consistiria em trazer em si os problemas do mundo, manifestando-os numa espécie de ação pelo testemunho, ou de testemunho como forma de ação através da poesia” (CANDIDO, 2011, p. 79).

Entre os diversos olhares transcritos por Drummond nos poemas de *Sentimento de mundo*, é possível destacar a realidade do trabalhador fabril, braçal, operário. A coletânea em questão não deixa de lado esta figura de suma importância para a dinâmica social, trazendo-a para a obra através do olhar de um eu lírico que, em dois poemas específicos – “Confidência do itabirano” e “O operário no mar” –, tenta criar empatia com o proletário, seja observando-o diretamente ou, ao menos, o resultado do seu trabalho cotidiano.

Os dois poemas supracitados, apesar de não surgirem na obra de maneira imediatamente consecutiva, travam uma curiosa relação entre si, uma vez que ambos os sujeitos líricos dedicam os seus olhares a observar o operário ou o

resultado do seu trabalho. Dessa forma, o operário toma lugar de destaque literário, ganha relevância poética, saindo de um lugar de invisibilidade social. Entre temas de absoluta importância para Drummond, a figura do operário surgirá não como elemento romanticamente idealizado em sua labuta, mas como símbolo de trabalho árduo, da realidade dura que o afasta da aparente leveza e brandura que cercam os eu líricos.

Há uma série de simbologias presentes na poesia drummondiana (CANDIDO, 2011, p. 80), de modo que não se pode observar as suas imagens poéticas como mero adereço à sua escrita. Elementos aparentemente triviais ganham significações assaz abrangentes, dando aos poemas um caráter de notória amplitude crítica. Sendo assim, os dois poemas citados anteriormente serão colocados em evidência sob análises associativas, a fim de demonstrarem como o olhar dos sujeitos líricos tenta se aproximar da figura do operário, conseqüentemente trazendo-o para perto dos olhos e da percepção do leitor.

## 1. As percepções do itabirano

“Confidência do itabirano” é o segundo poema da obra *Sentimento do mundo*. Escrito em primeira pessoa, traz as percepções de um eu lírico que se funde ao próprio poeta, uma vez que expõe, de forma saudosista, a sua relação com a cidade de Itabira – MG, mesma cidade de nascimento de Drummond. Sua estética claramente se liga aos ideais modernistas, apresentando versos livres e brancos, dispostos em uma sequência de cinco estrofes. A seguir, a transcrição do poema em questão:

*Alguns anos vivi em Itabira.*

*Principalmente nasci em Itabira.*

*Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.*

*Noventa por cento de ferro nas calçadas.*

*Oitenta por cento de ferro nas almas.*

*E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.*

*A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,*

*vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.*

*E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,*

*é doce herança itabirana.*

*De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:*

*esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,*

*este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;*

*este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;*

*este orgulho, esta cabeça baixa...*

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.*

*Hoje sou funcionário público.*

*Itabira é apenas uma fotografia na parede.*

*Mas como dói!*

Após destacar a sua densa ligação com a cidade de Itabira nos dois primeiros versos, o eu poético afirma que, como consequência disso, é “triste, orgulhoso: de ferro”. Porém, a rápida impressão de que o termo “ferro” possui sentido estritamente conotativo, associando-se à ideia de que o eu lírico se mostra forte perante os percalços da vida, logo é complementada nos dois versos seguintes. Em “Noventa por cento de ferro nas calçadas” e “Oitenta por cento de

ferro nas almas”, o enunciador associa denotação e conotação, dando à palavra “ferro” não somente a significação de força e dureza de vida, impressa na alma dos moradores de Itabira, mas também o sentido literal do termo, referindo-se à porcentagem de ferro utilizada na construção das vias da cidade.

Há, nesse ponto do poema, a inserção indireta, porém precípua, do olhar cuidadoso do eu lírico em relação aos moldes de construção da sua cidade natal, trazendo à tona o resultado de um trabalho realizado previamente. Não há, nos referidos versos, mera preocupação em apresentar ao leitor somente os sentimentos causados pelas lembranças da cidade, mas também traços urbanísticos da cidade, impossíveis de existirem se não por intermédio do trabalhador braçal. Os “Noventa por cento de ferro nas calçadas” surgem no poema como fator de orgulho para o eu lírico; trabalho realizado de forma esmerada que, em seus quase cem por cento de presença de ferro, se mostra confiável. Aqui, não somente a cidade é exaltada em sua grandeza repleta de saudade por parte do eu poético, mas também a figura de quem tornara possível tal cidade; a figura indireta do trabalhador.

Ao longo da segunda estrofe, o sujeito lírico faz nova menção à ideia de trabalho, mas agora se referindo a si mesmo. Em “A vontade de amar, que me paralisa o trabalho, vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes”, notamos a presença de forte traço saudosista, a ponto de cessar a ação de trabalho do enunciador no momento em que lhe vêm à mente e ao coração as lembranças da cidade natal. Porém, mais adiante o eu lírico deixa claro ao leitor que a sua ocupação profissional é a de funcionário público<sup>1</sup>, ofício que o distancia do trabalhador operário. Essa referência à condição pessoal de

---

<sup>1</sup> A respeito da concepção do ser funcionário público em meados dos anos 1940, Marcos Guedes Veneu, professor no Departamento de História da PUC/Rio, em seu artigo *Representações do Funcionário Público*, afirma que “Enquanto em 1920 havia seis funcionários públicos por mil habitantes, esse número aumentou para 12, em 1940. Em relação ao país como um todo, houve o fortalecimento da burocracia civil e militar, o que reflete a transição de um país predominantemente rural para outro de características urbanas e industriais, marcando o fim do poder absoluto dos proprietários rurais, apoiados por um Estado pequeno e fraco. É o crescimento de uma organização política, senão a nível nacional, pelo menos a nível estadual” (VENEU, 1983, p. 17)

funcionário público não aparece diretamente no poema “O operário no mar”, sendo justamente esse – a relação de trabalho que perpassa ambos os textos – o ponto de intersecção entre os dois poemas em xeque. Acerca do contexto social da época, Roberto Schwarz, analisando a obra de Antonio Candido, afirma:

Na altura em que Antonio Candido escrevia, na década de 40 e 50, a sociedade brasileira lutava para se completar no campo econômico e social. O impulso formativo recebia o influxo materialista da industrialização em curso e tinha como inspiração e eventual ponto de chegada o país industrial. (SCHWARZ, 1999, p. 56)

A assertiva de Roberto Schwarz traz luz à necessidade de se reconhecer a importância da realidade econômica do período concernente à publicação do poema. Tratava-se de um momento socioeconômico sobre o qual pairava a ânsia de forças de trabalho que elevassem a nação a um patamar de completude. Nesse período, em que o Brasil se industrializava em ritmo acelerado, o eu lírico tem a percepção da sua condição de funcionário público, mas também a da condição da figura do operário. A saudade de sua terra natal o transporta não apenas às sensações que Itabira proporciona, mas também ao modo como a mesma cidade fora construída, com a utilização do ferro que viria a ser, como mencionado no segundo verso da terceira estrofe, “o futuro aço do Brasil”. Itabira também é, aos olhos do enunciador, local com demasiado potencial para auxiliar no desejado crescimento nacional. A importância do trabalho industrial – e de seus trabalhadores – não escapa aos olhos do eu lírico e, pode-se dizer, do poeta.

Ao fim do poema, o sujeito lírico faz referência ao seu modo de vida antes de deixar Itabira. A última estrofe é composta por quatro versos, os quais demonstram, dotados de um tom melancólico, que ele jamais se aproximara da realidade do trabalhador braçal, uma vez que fora possuidor de ouro, gado e fazendas. Sua prévia condição abastada lhe proporcionou a possibilidade de exercer, no momento presente da escrita do poema, um trabalho burocrático,

distanciando-o da realidade operária. Porém, mesmo diante da possibilidade de não fazer qualquer referência à sua presente condição de trabalho, o sujeito poético opta, conscientemente, por fazer. Essa opção tornar-se-á fator de ligação e diálogo entre esse poema e “O operário no mar”.

## 2. Observando o operário

“O operário no mar” é o sexto poema da obra *Sentimento do mundo*. Trata-se de um poema em prosa, estrutura que destoa dos outros poemas do livro, fator que destaca a sua presença na coletânea. A escrita em primeira pessoa revela um enunciador invadido pela ânsia de compreender a figura do operário, que é observado à distância. Porém, a mesma voz que nos apresenta esse operário também é absolutamente consciente da sua condição de afastamento em relação à realidade proletária, o que traz ao eu poético certa melancolia e impotência. A seguir, o poema em foco:

*Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar*

*lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?*

No poema, o operário – homem comum – passa pela rua, chamando a atenção do sujeito lírico, que inicia um processo de tentativa de compreensão da realidade do proletário, sendo este descrito inicialmente como alguém que segue pisando firme, envolto em seu uniforme de trabalho. Logo de início o eu lírico pergunta a si mesmo para onde estaria indo aquele operário, o que traduz o seu desejo de entendimento da realidade de vida daquele que segue em passos firmes. Porém, esse desejo de compreensão parece resultar, já de início, em frustração, uma vez as indagações inaugurais do poema esbarram em um sincero e tristonho “Não sei”.

Tal inquietação por parte do eu lírico acerca da vida do operário transcende a mera curiosidade. O poema segue com uma nova percepção partindo do olhar do enunciador. Agora, este reconhece que grandes questões sociais simplesmente não chegam ao conhecimento do operário. “Não lhe sobra tempo” para notar o mundo à sua volta. Sejam notícias do cenário nacional ou internacional, o operário não dispõe de tempo hábil para tais assuntos. O operário precisa trabalhar. A partir desse ponto, o eu poético passa a internalizar a cada



linha a ideia de que a sua realidade de vida e a realidade do proletário são pontos distantes, o que gera melancolia na sua fala.

As linhas seguintes confirmam a existência da mais completa noção de distanciamento entre as duas realidades. O sujeito lírico e o operário observado pertencem, definitivamente, a mundos distintos. Numa sequência imbuída de franqueza e desalento, o enunciador afirma que sentiria vergonha de chamar o operário de seu irmão, uma vez que o trabalhador teria noção plena de que não são e nunca o foram. Em seguida, complementa dizendo saber que ambos jamais se entenderiam, pontuando um provável desprezo do operário para com o eu lírico. Esse incômodo marcado pelo distanciamento entre ambos pode ser compreendido a partir da visão do itabirano confessional do poema abordado anteriormente. Ao observar um trabalhador braçal, fabril, o sujeito lírico, funcionário público, passa por uma espécie de epifania, reconhecendo a dureza da realidade alheia frente à sua realidade, aparentemente mais leve e, por isso, desconfortável.

Longe de tomá-las isoladamente, Drummond busca sempre compreender tais posições de classe de forma relacional, como sempre recomendou a melhor tradição marxista. Com isso, ele pode resgatar a rede complexa de relações que compreende o conjunto social, com todos os seus antagonismos e contradições. Assim, em “O Operário no mar”, a posição deste e a do eu lírico definem-se em função da distância social (materializada espacialmente) que os separa e que o eu trata explicitamente de reconhecer, apesar do desejo sincero de superá-la. (CAMILO, 2002, p. 71)

A sequência do poema é pautada por um forte e explícito desejo de aproximação entre o eu lírico e a distante figura do operário observado. Essa vontade, repleta de fascinação, ganha tamanha força por parte do enunciador a ponto de este cogitar saltar pela janela, a fim de ir de encontro ao proletário, numa tentativa desesperada de conexão. O funcionário público, provavelmente imerso em suas teorias, em seu trabalho burocrático e intelectual, não se satisfaz com a

existência da distância entre ele e o operário. O desejo de contato, de ligação é colossal, bem como a consciência do afastamento entre ambos.

Por fim, o eu poético se deixa entreter pelo caminhar do operário, andando sobre as águas do mar e se molhando levemente. Nesse momento, a voz que se dirige ao leitor reconhece que todo esse desejo de aproximação talvez jamais se concretize, afinal a sua realidade e a do operário são sobremodo distantes. Encerra-se o poema destacando a expectativa, por parte do eu lírico, de que em algum momento ele e o operário talvez se aproximem. Seria possível compreender a realidade daquele operário pertencendo a um contexto tão diferente do dele? Permanece a dúvida, tal como a esperança.

### 3. Intersecções

Quem é esse eu lírico que tenta incessantemente se aproximar do operário? Por que ele considera a sua realidade de vida tão afastada da do operário? Essas questões já haviam sido permeadas no poema analisado anteriormente. Em “Confidência do itabirano”, o eu poético, em tom confessional, apresenta-se, de antemão, como uma espécie de prelúdio à leitura de “O operário no mar”. Os sujeitos líricos dos respectivos poemas se relacionam indiretamente, sendo que o primeiro estabelece elementos que ampliam a possibilidade de leitura do segundo. O olhar do observador que deseja se aproximar do operário se funde ao olhar do itabirano confessional, funcionário público, saudoso de sua cidade natal, admirador dos elementos urbanísticos feitos pelas mãos do trabalhador operário, desejoso de se aproximar desse operário o quanto fosse possível.

Drummond, através dos dois sujeitos líricos, demonstra, enquanto funcionário público e parte da intelectualidade brasileira no início dos anos 1940, o quanto não queria se tornar acomodado diante da sua própria condição social. Porém, a sua relação com o trabalhador braçal, comum, operário parecia ser um

elemento de distanciamento intrínseco à realidade socioeconômica de sua época. Como aproximar, de fato, o trabalhador fabril do meio intelectual que tencionava representá-lo? Os dois poemas dialogam entre si ao passo que elaboram análises da realidade à sua volta partindo do olhar de um tipo específico de trabalhador – o funcionário público –, deixando claro ao leitor que ambos os enunciadores sentem certa dose de melancolia diante da sua própria condição profissional.

O signo do trabalho surge como ponto de intersecção entre os dois poemas em foco. Em “Confidência do itabirano”, o eu lírico poderia apenas ter apresentado ao leitor a sua saudade da terra natal, sem referências à sua condição presente. Porém, ele faz questão de revelar ser funcionário público no momento da escrita do poema. Além disso, é evidente a sua admiração diante do resultado do trabalho realizado anteriormente pelas mãos de operários na sua manipulação do ferro, que viria a ser motivo de orgulho nacional quando convertido em aço.

O eu lírico saudosista presente em “Confidência do itabirano” surge na obra *Sentimento do mundo* como uma espécie de prólogo do que seria apresentado em “O operário no mar”. Essa premissa tem base no olhar do enunciador que observa o operário desde um simples e firme caminhar até chegar ao mar, molhando-se suavemente. Esse olhar só poderia ser o olhar de um homem incomodado com a sua própria condição; a condição acomodada de um funcionário público. Essa relação polifônica entre os dois poemas é ainda corroborada se associarmos à obra o já notório caráter marxista da escrita de Drummond, que reforçaria a ideia do destaque dado ao trabalhador fabril, nessa complexa relação com o trabalhador burocrático.

Em *Sentimento do mundo*, no momento em que Drummond dirige o seu olhar à figura do trabalhador braçal em “O operário no mar”, estamos diante de um olhar em continuidade; um olhar que já havia sido iniciado em “Confidência do itabirano”. O sutil diálogo entre os dois poemas reitera a constante preocupação do autor em notar e, principalmente, pensar as questões sociais de sua época.

“Sim, quem sabe um dia o compreenderei?”. O encerramento do poema dedicado à observação curiosa e incômoda do operário alude ao tom de esperança de que um dia ambos – operário e burocrático – se encontrem.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAMILO, Vagner. A cartografia lírico-social de Sentimento do Mundo. Seminário Internacional “O Mundo, Vasto Mundo de Drummond”. *Revista USP*, São Paulo, n.53, mai. 2002.

\_\_\_\_\_. *Drummond: da Rosa do povo à rosa das trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

GARCIA, Nice Seródio. *A criação lexical em Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso e universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio; SECCT, 1975.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.

SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. In: *Sequências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Drummond, o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

TADIÉ, Jean-Yves. *Sociologia da literatura*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

VENEU, Marcos Guedes. *Representações do funcionário público*. Artigo elaborado como parte do concurso de admissão ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, julho, 1983.

Submetido em: 09/09/2018

Aceito em: 23/03/2109